

*Paisagens interiores: representações do norte do
Brasil na viagem de Rocha Pombo*

Alexandra Lima da Silva

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

ABSTRACT

This article proposes to analyze the travel that Rocha Pombo held to the north of Brazil, in 1917. Seeks to understand the crossing as a watershed in the trajectory of the traveller, both in the possible revision of their writing, as well as in the struggle for legitimacy as an author. Born in 1857 in Morretes, Paraná State, José Francisco da Rocha Pombo selected, as themes of his narrative, cities, landscapes, histories and people of the eleven states visited in five months of travelling. Thus, the encounter of a man from the south with the north area of Brazil approached realities seemingly so distant, but so close in the search of the constitution as a people and nation.

Keywords: northern Brazil; Rocha Pombo; travel; differences; encountering

Este artigo propõe analisar a viagem que Rocha Pombo realizou ao norte do Brasil, no ano de 1917. Busca-se compreender a travessia como um divisor de águas na trajetória do viajante, tanto na possível revisão de sua escrita da história, como na luta por legitimação enquanto autor. Nascido em 1857, na cidade de Morretes, estado do Paraná, José Francisco da Rocha Pombo elegia como temas de sua narrativa cidades paisagens, histórias e gentes dos onze estados percorridos em cinco meses de excursão. Assim, o encontro do homem do sul com o norte do Brasil aproximou realidades aparentemente tão distantes, porém tão próximas na busca da constituição enquanto povo e nação.

Palavras-chave: norte do Brasil; Rocha Pombo; viagem; diferenças; encontro

O registro do vivido: a viagem e a escrita

Eu não sabia que o Brasil era tudo isso! Desde o dia em que saltei no primeiro porto, fui sentindo surpresas, que se faziam crescentes, até cair em maravilha lá pelo extremo norte até Manaus (Pombo, 1918, p. 18).

Tempos de viagem, momentos de vida. Pelo Brasil afora, um “amável e simpático velhinho” se aventurava à bordo de navios e barcos por mares e rios caudalosos, numa travessia iniciada em 21 de julho de 1917, no Rio de Janeiro, tendo como último porto, a cidade de Manaus. Pungido de uma curiosidade quase infantil, saíra pela primeira vez do Rio de Janeiro ser para o sul, terra natal do intelectual.

Mergulhar na viagem ao norte do Brasil empreendida por Rocha Pombo nos idos de 1917, no sentido de compreender os significados desta prática na experiência deste sujeito, é o horizonte deste artigo, no qual busca-se defender que a travessia realizada aos estados do norte representou um divisor de águas na trajetória profissional do viajante, tanto na possível revisão de sua escrita historiográfica, como na luta por legitimação enquanto autor no campo intelectual. Nascido em 1857, na cidade de Morretes, interior do atual estado do Paraná, sul do Brasil, José Francisco da Rocha Pombo, ainda muito jovem, ingressou no magistério das primeiras letras e no exercício da escrita em periódicos, publicando artigos relacionados à instrução. Mudou-se para o Rio de Janeiro, então capital da República em 1897, onde, a partir de então, passa a frequentar os círculos intelectuais da cidade, em esforços diversos para sobreviver e se estabelecer no campo intelectual. Foi poeta, historiador, professor do Colégio Pedro II, da Escola Normal, membro do Instituto Histórico e Geográfico (membro efetivo e honorário), jornalista e autor de livros didáticos de História. Morreu aos 75 anos, quando acabara de ser eleito para a Academia Brasileira de Letras, sem tomar posse.

Nesse sentido, tomamos o fascínio pelo vivido e a vontade de narrar como peças essenciais na compreensão dos significados desta empreitada para um sujeito no auge dos seus 60 anos, mas que ainda buscava demarcar o seu espaço e marcar sua existência com as aventuras e agruras do viver. Embarcara para conhecer as gentes, paisagens e histórias de um Brasil “interior” tão próximo e exótico ao mesmo tempo, remetendo, em muita medida, à dimensão proposta por Antonio Viñao em que “todos los viajes educan, aunque solo sea por abrir al viajero a una realidad diferente a la suya. Sólo que unos educan más que otros, o de forma diferente a otros” (Viñao, 2007, p. 15). As dimensões da aprendizagem e da experiência merecem ser apontadas como um dos sentidos da viagem, mesmo quando esta não aparece como a motivação principal. Além disso, ao se percorrer o próprio país, o estranhamento do que seria familiar transforma o viajante, produzindo olhar paradoxal pois “ao mesmo tempo em que é estrangeiro em sua própria terra, é também um olhar nativo que busca reconhecer seus valores e sua história nos pequenos detalhes de sua viagem, construindo, assim, sua memória” (Cabral, 2009, p. 5).

O encontro com o norte pelo homem do sul, ao mesmo tempo em que evidencia as diferenças, pode também, aproximar mundos aparentemente tão distantes, porém tão próximos em sua construção enquanto povo:

Pois bem: o que eu faria agora, si tanto já não excedesse as proporções de um livrinho de notas ligeiras, era mostrar como o Brasil, o nosso grande e admirável Brasil já não é só a terra, mas também a gente; e que a raça aqui não tem mais de corar num confronto com os esplendores do meio. Em toda a vastidão deste imenso país, há sinais de que o homem se levante para medir-se com a imensidade do território e com as munificências da natureza (Pombo, 1918, p. 8).

Encantamento. Surpresas. Aprendizagens. Descobertas. O que levou Rocha Pombo a tornar pública a experiência da viagem? O fascínio a partir dos tempos vividos ao longo dos cinco meses de viagem teria levado à publicação das anotações de viagem? Ou a vontade e sentido de missão por compartilhar os olhares também sobre os problemas e maravilhas deste imenso Brasil? Ou ainda, a preocupação em tornar públicos, feitos e uma certa notoriedade adquirida pelo sujeito ao longo da travessia? É possível que pensemos a publicação de suas anotações pessoais como parte também da tentativa de legitimação e projeção social do sujeito junto aos seus pares e ao público em geral?

Nas palavras do próprio Rocha Pombo, “este livrinho, não dissimulo, pretende lançar a causa”, uma vez que “é, pois, este opúsculo mais um apelo ao sul do que ao próprio norte”, sendo uma “publicação modesta”, mas repleta de importância, pois, “por mim, estou profundamente convencido de que a melhor obra moral que hoje se pode fazer a nossa grande pátria é tornar mais íntimo o convívio de todas as nossas populações” (*ivi*, p. 16).

Ao longo de 271 páginas, contendo data e lugar, as anotações ganham forma de livro impresso, sendo a primeira parte, um prefácio, escrito na fase pós-viagem, nos idos de 24 de dezembro de 1917, ocupando 19 páginas do opúsculo. Resta-nos ainda, saber se houve reedições da referida obra, número de exemplares, preços, usos e formas de circulação (Chartier, 1998, p. 10). Tais informações não aparecem nas contracapas do livro, como usual em livros didáticos, e outros livros no período, onde muitas vezes, constam extratos dos catálogos das editoras (Silva, 2008). Nesse sentido, é importante atentar para a materialidade do impresso, pensando as motivações para a edição, recepção e circulação do mesmo, bem como as possíveis interlocuções dele com outras obras do gênero no referido período.

No caso Rocha Pombo, verifica-se a preocupação e mesmo, certa intencionalidade em dar luz a algo que seriam suas impressões pessoais. A primeira edição do livro, lançado em 1918, dá-se no ano seguinte a viagem, estando em vida o seu autor, que pôde acompanhar a recepção de sua obra junto ao público, uma dimensão importante para se compreender o movimento da publicação de livros de viagem, uma vez que se verificam alguns casos de edições póstumas, em períodos remotos da viagem empreendida. O tempo de publicação ilumina o nosso entendimento no sentido de que havia uma preocupação de que a travessia se tornasse pública e notória, possibilitando alguns retornos imediatos para muitos, desde o intelectual paranaense, passando aos editores das obras recém publicadas¹, às pessoas e instituições citadas na referida obra.

¹ Refiro-me aqui, não somente à *História do Brasil, ilustrada*, concluída em 1917, editada por Benjamin de Águila, como também, ao recém lançado *Nossa Pátria: narração dos fatos da História do Brasil através da sua evolução*, editado pela Weiszflog Irmãos.

Tal preocupação em publicar o visto e o vivido nos tempos de viagem remete, em muita medida, a uma compreensão da dimensão política deste tipo de escrita, evidenciando também, o comprometimento com projetos, grupos e interesses, possibilitando, em muita medida, intervenções no presente, no sentido de mantê-lo, mudá-lo ou reformá-lo.

Com relação às escritas em suportes como cartas, cadernos, sobretudo a partir do século XIX, estas eram destinadas de alguma forma, a uma posterior publicação, sendo muito estreita e tênue a linha entre as esferas do público (aberto à observação alheia) e do privado, restrito ao íntimo, familiar, ao âmbito da casa (Habermas, 1984, p. 63).

Temos aqui, um impresso peculiar, construído a partir da experiência da viagem, evidenciando diferentes temporalidades e momentos na escrita. O livro começa pelo fim, às vésperas do natal do ano de 1917, com as exposições do autor acerca do desejo antigo que nutria de realizar a excursão pelos estados do Brasil. Estrutura-se em dias seguidos, desde o embarque, no dia 21 de julho de 1917. Porém, o produto final entregue ao público sob a título de *Notas de viagem. Norte do Brasil* advém de anotações dispersas e registros da viagem, como também, do uso feito pelo autor, de recortes de jornal, e mesmo, da memória, demonstrando que a dispersão das anotações ganhou outra forma e lógica no retorno do viajante, com diferentes temporalidades.

Esta escritura não linear, com idas e vindas, repleta de escolhas, recortes, é também, similar aos próprios do movimento de escrita da história, uma vez que como toda atividade de pensamento, opera por discontinuidades: “seleccionamos acontecimentos, conjunturas e modos de viver, para conhecer e explicar o que se passou” (Alberti, 2003, p. 2). Todavia, o autor tenta enfatizar no prefácio que não houve esse trabalho de polidura que vislumbramos na análise de sua escrita de viagem, pois:

as páginas que se seguem refletem apenas as impressões mais flagrantes da minha viagem, e que eu registrei dia a dia, a largos traços e absolutamente sem preocupações de nenhuma ordem. Dou-as quase na mesma forma em que foram apontadas; e, portanto, sem ao menos algum trabalho de revisão ou polidura (Pombo, 1918, 18).

A colocação acima permite indagar esta ausência de preocupação em refinar a escrita para publicação, uma vez que nitidamente, nota-se uma escrita retocada e editada. Mais uma vez, temos a preocupação com o olhar do outro sobre si, posto que a seleção e o uso de recortes de jornais e outros documentos pelo autor, para além do auxílio à memória na escrita, pode também, fazer parte da intenção do autor de sua imagem construída mostrar ao público, sua aceitação e notoriedade na viagem empreendida. De todo modo, temos que tais impressões de viagem foram entregues ao editor e parceiro de Rocha Pombo em outras obras, Benjamin de Águila, vindo a ser editada em 1918.

Ademais, quais as motivações de Rocha Pombo, historiador, professor, jornalista, político, também enquanto viajante? É possível afirmar, que para além de mero relato descritivo sobre paisagens e lugares, as notas de viagem podem ser entendidas como expressão de si e do outro, a partir da alteridade, do encontro com o diferente. No entendimento do tempo de viagem como um

tempo de vida, as escritas advindas desta experiência, em muita medida, desejam reter o tempo, constituindo-se em um “lugar de memória” (Nora, 1993, p. 7).

Múltiplos olhares: a construção de uma escrita de si para o outro

Em notas e demais relatos de viagem, a narrativa e a memória são elementos constituintes da prática de registrar, em que o fio condutor é a própria travessia. Agrega-se a isto, o “viajante”, ora o próprio autor, ora o leitor do relato, que ao adentrar na leitura, se converte em um descobridor de paisagens, culturas, e da própria figura do narrador, desnudado em sua escrita sobre o outro, que também, revela sobre si. Por sua vez, ao se escrever e publicar notas de viagem, tem-se em mente a interlocução com um outro “outro”, o leitor, muitas vezes, diferente do observado nos caminhos percorridos, mas que também, produz olhares a partir da mediação do texto escrito. Por sua vez, o “outro”, o observado durante a viagem, também produz uma imagem daquele que o observa. Por sua vez, nesta constante interrogação do objeto e da fonte, seria a obra intitulada *Notas de viagem*, um diário de viagem?

Em *O pacto autobiográfico*, Philip Lejeune revela que a escrita no diário, como forma de escrita autobiográfica, codificada pela fusão entre autor-narrador, diferencia-se de outras formas de narrativas, como a autobiografia, a biografia e a memória. Acentua ainda, o leitor como fundamental na consideração de um texto como autobiográfico, atentando para a noção de um pacto que se firma entre quem escreve e quem lê o texto proposto (Lejeune, 2000, p. 237). Por sua vez, as narrativas de viagem, seja sob a forma de diário, seja sob a forma de cartas a um único interlocutor, ou ainda, de relatórios informais ou científicos, muitas vezes não se afastam do imediato da experiência, tornando difícil a análise. O cotidiano relatado parece não conter um encadeamento; completa-se no acontecimento narrado, é breve, exterior e desconexo, dando poucas oportunidades de penetração e de estabelecimento de ligações. Além disso, a narrativa é freqüentemente composta de monumentos fixados pelo mundo interior do viajante (Leite, 1997, p. 30).

Contudo, se por um lado, a escrita de um sujeito como Rocha Pombo - homem, intelectual e letrado - se diferencia das ditas “escritas ordinárias” (bilhetes, cartas, diários, livros de receitas de doces, álbuns de poesias) de pessoas comuns (Hébrard, 2000, p. 29) ou mesmo, das escritas íntimas das mulheres, esta não deixa de ser importante para pensar o autobiográfico, pois, conforme salienta Maria Teresa Santos Cunha, os diários podem ser analisados como escrita auto-referencial (ou escritas de si), “publicizados pelo historiador que os qualifica e os ressignifica como fonte/documento ainda” (Cunha, 2007, p. 2). Além disso, conforme salienta Angela de Castro Gomes, o significado do ato de escrever sobre a própria vida e a vida dos “outros” ganha contornos específicos com a constituição do individualismo moderno”, ressaltando a relação do indivíduo moderno com seus documentos (Gomes, 2004, p. 11).

Carregada de sentimentos, a escrita de Rocha Pombo, num relato pessoal, transbordando seus temores e receios, uma vez que era a primeira vez que se aventurava a percorrer todo o Brasil, contribuindo no entendimento de que a viagem representou um marco em sua história de vida, dotando a experiência de uma excepcionalidade que a tornou digna de ser lembrada e

contada. Temos o entendimento, neste caso, de que se trata de uma escrita “auto-referencial”, numa construção de imagem de si, para si mesmo, e também, para o outro.

Em várias passagens do seu relato, a presença do medo de naufrágios e desastres similares, remete também, a inexperiência de nosso autor em relação ao mar, este estranho desconhecido:

Quando perdi de vista o Pão de Açúcar, senti alguma coisa como um vago terror, que me viesse de uma temeridade de que só agora me apercebo. Até agora, tudo fizera eu como quase maquinalmente, sem consciência do que fazia: desde o plano de viagem até o momento do embarque, andei como impelido de uma força que eu não sabia de onde me vinha. Dir-se-ia que não era eu quem deliberava (Pombo, 1918, p. 20).

A escrita em Rocha Pombo, longe de ser um relato frio e impessoal, evidencia, em muitos momentos, um encontro com o “eu interior,” a partir do contato e descrição minuciosa do “outro”. Este modo revelar sobre si, a partir do ato de ver e descrever o “outro”, na busca pela diferença, parece ajudar na construção da própria identidade do sujeito. A constituição de si, por sua vez, é atravessada pela imagem que os outros criam sobre o sujeito. Temos, nesse caso, a preocupação em selecionar e reforçar as lentes e visões construídas pelo outro:

Mas, por capricho do meu coração, destacarei para aqui ao menos alguns períodos do artigo publicado, na véspera da minha partida de São Luiz, no Ateniense. ‘O Rocha Pombo que encontramos (os membros da comissão que me fora visitar) foi completamente outro do que imaginávamos: amável e simpático velhinho, de uma simpleza encantadora que nos cativou de começo, ele sem nos conhecer ainda, pois era a primeira vez que lhe dirigíamos a palavra, convidou-nos com a lhanza de um perfeito cavalheiro a entrar para os seus aposentos’ (ivi, p. 124).

Ressalta ainda, que a viagem foi fruto de seu sacrifício pessoal, realizada graças a persistência e à existência de uma motivação e um desejo muito particular neste empreendimento uma vez há tempos nutria o desejo de visitar o norte, lamentando não ter sido isso possível antes de escrever a sua História do Brasil:

Tendo de resignar-me às circunstâncias que disso me privaram, só depois de concluído esse trabalho é que se me proporcionou o ensejo de realizar a minha velha aspiração. Não me arrependo, porém, desse sacrifício, si não de ter sido forçado a adiar até agora um empreendimento, sem cujos proveitos chego a não saber como é que pude dar conta antecipadamente de uma tarefa que só hoje é que eu devia ter tomado (ivi, p. 10).

Além de revelar-se como historiador preocupado com “as gentes e suas histórias”, tenta ao mesmo tempo, dar visibilidade à construção de si como homem simples, nascido pobre em uma pequena cidade, “mas a mim, um homem humilde, sem posição social. Sem tradições de família, sem títulos, nem coisa alguma- por que então, se me fizeram festas e honrarias?” (ivi, p. 270).

Ao “mostrar” o seu lugar de onde fala, reconstrói sua memória sobre si, remetendo-nos, em muita medida, à noção de “teatro da memória”, em que a escrita é interpretada enquanto palco onde ocorre encenação dos múltiplos papéis sociais e das temporalidades, mesmo que esta, não seja a intenção do sujeito em sua narrativa linear e coerente sobre si.

O encontro do “norte” pelo homem do “sul”, ao mesmo tempo em que evidencia as diferenças, pode também, aproximar mundos aparentemente tão distantes, mas tão próximos em sua construção enquanto povo, na ótica do visitante. Povo este, constituído por gente simples e humilde, num esforço de aproximação que Rocha Pombo promove, trazendo à tona, o reencontro consigo mesmo, e com sua própria história, numa escrita de si, remetendo à produção de uma memória de si enquanto um homem que veio do povo, e que, portanto, procura também, tornar-se mais conhecido junto aos “homens simples do povo”.

Com relação ao lugar da viagem na vida de Rocha Pombo, temos a compreensão de que se tratou de um momento singular, um período percebido como excepcional em sua existência, deixando marcas em sua trajetória profissional, sua produção intelectual e também, no foro de sua vida íntima, pois, representou a realização de uma antiga aspiração.

Representações do norte nas óticas de um homem do sul

Em regra, quando nos referimos, ou quando alguém se refere ao nosso país, é só da extensão territorial, das opulências do meio físico, das riquezas nativas que se faz apologia (Pombo, 1918, p. 8).

Negando a sentença que condenou “o homem a ser aqui vencido e esmagado pela natureza” (*ibidem*), Rocha Pombo propunha um combate a ideia de que no Brasil, “fora do Rio e São Paulo, tudo o mais é paisagem” (Murari 2002)², num imenso país de proporções continentais, repleto porém, de flora e fauna, sem povo. Esta seria uma das causas que o intelectual paranaense alega lançar por meio da viagem ao interior do Brasil, pretendendo com isso, ver as gentes, culturais e histórias dos locais visitados, a fim de construir novas interpretações para o Brasil, uma vez que “os próprios brasileiros se desconhecem, e vivem tão separados uns dos outros em seu próprio país” (*ivi*, p. 16). Neste sentido, afirma que a viagem rendeu-lhe uma distinta visão sobre o Brasil, que ele próprio desconhecia, mesmo tendo escrito tantas obras sobre a história do Brasil: “É não me arrependo de haver feito esta excursão aos Estados do norte, porque tive, para compensar-me de tudo, a fortuna de voltar de lá trazendo uma noção nova, e seguramente, mais exata e mais legítima, do que é esta grande pátria” (*ibidem*).

Ademais, a necessidade de divulgação e conhecimento do norte residiria na luta contra a visão, para muitos brasileiros e viajantes estrangeiros, de que “o Rio de Janeiro é que é o Brasil; de que, quando muito, nos Estados do sul, devido ao afluxo de elementos europeus, começamos a dar manifestações da nossa capacidade de cultura e de trabalho” (Pombo, 1918, p. 10). Uma vez que, “fora da capital da República- este é que é o sentimento geral- ninguém acredita

² Tal frase foi dita pelo cronista português Matheus de Albuquerque, na obra *Sensações e reflexões*, em edição de 1916, ver Murari 2002.

que se encontre testemunho de nenhuma ordem- em parte alguma do país- do nosso valor de povo" (*ibidem*).

Contudo, Rocha Pombo não estava deslocado de seu contexto social, sendo um dos muitos intelectuais nos debates travados de finais do século XIX e princípios do século XX, em que para muitos, era urgente a busca por uma unidade nacional, para a superação do atraso, na marcha rumo ao progresso, anunciado com o novo regime, a República. Com respeito a isso, o historiador contemporâneo José Murilo de Carvalho afirma:

A Proclamação da República, em 1889, não alterou o quadro. A República, de acordo com seus propagandistas, sobretudo aqueles que se inspiravam nos ideais da Revolução Francesa, deveriam representar a instauração do governo do país pelo voto, por seus cidadãos, sem interferência dos privilégios monárquicos. No entanto, apesar das expectativas levantadas entre os que tinham sido excluídos pela lei de 1881, pouca coisa mudou com o novo regime [...]. A principal barreira ao voto, a exclusão dos analfabetos, foi mantida. Continuavam também a não votar as mulheres, os mendigos, os soldados, os membros das ordens religiosas (Carvalho, 2004, p. 39).

Alguns escritores, muitos anteriores ao intelectual paranaense, produziram crônicas e relatos que ajudaram a construir e de certa forma, a polarizar o debate em dicotomias: Sertão/Litoral, Norte/Sul, Campo/ Cidade, sendo os centros europeus idealizados como vitrines da prosperidade e em muita medida, os parâmetros da "ordem e da civilização". Nesta tensão, as noções de futuro e passado vem à tona, conforme salienta Raymond Williams:

É significativo que a imagem comum do campo seja agora, uma imagem do passado, e a imagem comum da cidade, uma imagem do futuro. Se as isolarmos deste modo, fica faltando o presente. [...]. Assim, num presente vivenciado enquanto tensão, usamos o contraste entre campo e cidade para ratificar uma divisão e um conflito de impulsos ainda não resolvidos, que talvez fosse melhor encarar em seus próprios termos (Williams, 1989, p. 397).

De acordo com Maria Alzira Lemos, a oposição norte-sul ou sertão-litoral produziu "uma paradoxal interpretação da nacionalidade", onde o homem do norte, ou do sertão, passou a representar o brasileiro na produção intelectual (Lemos, 2000, p. 13). Para muitos que construíram interpretações sobre o Brasil, o interior, o campo, o norte, seriam lugares do passado, do retrocesso, do analfabetismo, do atraso econômico e cultural, em oposição ao litoral, desenvolvido, próspero, conforme salientado por Regina Abreu, onde a cidade seria idealizada enquanto "locus da civilização e do progresso", como também, a existência de um movimento no sentido inverso, um movimento de valorização dos sertões, do interior, como lugar da pureza e da autenticidade (Abreu, 1998, p. 175). Nesse sentido, de acordo com Luciana Murari, houve grande interesse por parte da intelectualidade do Brasil em desvendar a natureza do próprio país, no período entre as últimas décadas do século XIX e primeiras décadas do século XX, o que pode ser evidenciado pela efervescente produção editorial do período, produzindo uma "literatura sobre a seca no nordeste e sobre a Amazônia, ambientes em que o meio impunha limitações as mais rigorosas ao estabelecimento e à continuidade da ocupação do território, cuja visibilidade chegava a ser conquistada" (Murarai, 2002, p. 234).

Todavia, convém ressaltar que as construções que entendemos hoje como regiões norte e nordeste diferem das concepções do período mencionado, sendo ainda, que no período compreendido entre finais do século XIX e primeiras décadas do século XX, podem-se constatar um predomínio no uso do termo Sertão³ e não, Norte, como foi possível aferir, em levantamento feito sobre os escritos da época em autores considerados emblemáticos como Affonso Arinos, Coelho Neto, Viriato Correa, Euclides da Cunha, Alberto Rangel, apenas para citar alguns, que utilizavam os conceitos de “sertão” ou ainda, “sertões.”

Na perspectiva de Rocha Pombo, contudo, os usos da noção “norte” do Brasil parecem ter um sentido distinto da ideia de sertão enquanto “terra ignota”, defendendo, por exemplo, que mesmo em Manaus, “lá metida no coração do continente, numa zona que se considera ainda inóspita e tremenda”, é possível se surpreender com “todas as excelências do nosso esforço e da nossa cultura” (Pombo, 1918, p. 10), afirmando que muitos no Brasil vivem ainda, na ignorância que ele também vivenciara antes da viagem, por desconhecerem as grandezas desta “admirável metrópole do norte” (*ibidem*). Neste sentido, o intelectual paranaense procura buscar, em meio à natureza, a cultura que unificaria todos numa mesma unidade de pertencimento, uma vez que “no norte, guarda-se mais imune a alma da raça, modificada, é certo, no meio dos esplendores desta natureza, mas integrada na sua força e nas suas virtudes”⁴. E adverte para a necessidade de se estreitar os laços entre os estados dispersos, que não se conheceriam profundamente:

Vivemos a bradar, diariamente por alianças internacionais, pelo estreitamento de relações entre o Brasil e as demais nações americanas. E, entretanto, não vemos como os próprios brasileiros se desconhecem, e vivem tão separados uns dos outros em seu próprio país (Pombo, 1918, p. 16).

Contudo, se por um lado enfatiza a importância de se desmistificar o que considera “falsas noções” sobre os estados do norte, uma vez que muitos deles seriam “grandes centros de riqueza econômica, de inteligência e de vida” (*ivi*, p. 10), por outro lado, procura evidenciar que o norte também teria problemas e mazelas, sendo que “das mazelas que afligem todo o norte, a mais horrível foi a política. A sorte de todos os Estados jogava-se no Rio. E também, a fortuna dos governos e de todas as posições” (*ivi*, p. 12).

Na ótica do intelectual paranaense, as queixas do abandono e domínio dos estados do sul na política federal não se justificam, pois, estes são unidos, por isso, são fortes, pois “se o norte se fizesse coeso, far-se-ia forte. E nem mais sealaria em hegemonia do sul. E se o norte não faz isso, a culpa não dos homens de cá” (*ivi*, p. 13).

Ademais, aponta o problema da má distribuição de renda como um dos responsáveis para os problemas das economias de alguns estados, cujas receitas muitas vezes, seriam inferiores ao produto de um só imposto federal. Todavia, “esses problemas que o norte anda sentindo, bem se vê que por si mesmos já dizem que há por ali alma de povo. E é nisto que convém insistir, porque é isto que o Brasil do sul precisa saber” (*ibidem*).

³ De acordo com Nísia Trindade Lima, a palavra “sertões,” em princípios do século XX, tinha conotação de “espaços vazios,” “incorporação”, “progresso”, “civilização” e “conquista”. Lima 1999 *apud* Caser, 2009, p. 16, nota 12.

⁴ Depoimento de Rocha Pombo ao jornal *A Tarde*, Bahia, 30/06/1917

Deste modo, o encontro com o norte pelo homem do sul, ao mesmo tempo em que evidencia as diferenças, pode também, aproximar mundos aparentemente tão distantes, mas tão próximos em sua construção enquanto povo, na ótica do andarilho viajante.

Trajetos, olhares e percalços

Durante quase cinco meses pelo Brasil a fora, atravessando rios e matas, descobrindo gentes, histórias, paisagens, Rocha Pombo percorreu um total de onze estados: Espírito Santo, Bahia, Sergipe, Alagoas, Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará, Maranhão, Pará, e Amazonas.

A narrativa desta jornada mostra-se impregnada por surpresas e percalços, valorizando ainda mais os feitos de seu “heroísmo,” uma vez que alegara ter que enfrentar muitos medos e dificuldades, e mesmo, sacrifícios, esboçando em várias passagens do seu relato, a presença do temor em relação a naufrágios e desastres similares:

Se o vapor tivesse naufragado, ou se eu tivesse morrido de febres no Amazonas, como chegaram a prognosticar-me sinistramente-não faltaria quem me explicasse o intento obcecado como um arrastamento do destino. A tal fatalidade é mesmo essa coisa [...] que só é quando é (Pombo, 1918, p. 20).

Em um plano de viagem que contemplava as cidades de Vitória, Bahia, Aracaju, Santo Amaro, São Cristovão, Laranjeiras, Rio São Francisco, Vila Nova, Maceió, Serra da Barriga, Pernambuco, Olinda; Cabedêlo, Paraíba, Guarabira, Natal, Fortaleza, Tutuya, São Luiz do Maranhão, Belém do Pará, Rio Amazonas, Santarém, Óbidos, Itacoatiara, Manaus, descrevia em suas notas de viagem, as impressões gerais destes locais visitados, comparando-os, muitas vezes e apontando seus problemas e virtudes.

O período de permanência variava em função de muitos aspectos, sobretudo em relação ao atraso da embarcação que os levaria ao estado seguinte, como ocorreu durante a permanência na Bahia, que se prolongou dois dias além do previsto. Em Aracajú, o período de permanência foi de 26 dias, por falta de vapor. No Pará, além dos primeiros oito dias na ida, outros 10 dias na volta. Tais transtornos deixavam o humor do viajante mais ácido, o que se evidencia no tom mais irônico e crítico nos momentos em que tais problemas ocorreram.

Alguns transtornos deixavam o humor do viajante mais ácido, o que se evidencia no tom mais irônico e crítico nos momentos em que tais problemas ocorreram. Outro atraso também ocorreu na saída de Manaus, em que “o vapor, que devia sair às 9 horas da noite, só saiu às 6 da manhã. O dia 23 foi só quase de mar e céu” (*ivi*, p. 131). Apesar de alguns atrasos, considera os vapores de modo geral muito agradáveis, sendo o Acre, por exemplo, “um bom vapor, onde se viaja com certo conforto. É de marcha regular, e não joga muito” (*ivi*, p. 105).

É importante ressaltar que a travessia para os estados não se deu apenas pelo litoral, em vapores e paquetes. Alguns trechos foram feitos por terra, como o seguinte: “de Maceió a Recife fomos por terra. Tomamos o trem às 5:30 da manhã. Margeamos quase a lagoa do Norte, que é, com efeito, belíssima” (*ivi*, p. 78). Neste caso, da estação de trem seguiram de carro para o hotel, tendo o

carro que enfrentar e “vencer uma zona de topografia complicadíssima: ruas tortas e curtas, becos, vielas...um labirinto”(ivi, p. 81). Da Paraíba para o Rio Grande do Norte também foram por chão. Por sua vez, chegando em Natal, impressionou os olhos do visitante a falta de viaturas públicas, a não serem os bondes, “não vimos ali nem um automóvel, nem um carro de praça. O próprio chefe do Estado anda nos bondes comuns”(ivi, p. 98).

Com respeito às instalações, é possível notar que as opiniões do viajante sobre estas variavam. Sobre o Hotel Meridional, onde se hospedou na Bahia, relata que “pelo asseio e pela excelência de todo o serviço é dos melhores da terra, se não o melhor” (ivi, p. 38). A mesma visão não se teve sobre o Hotel Estados, em Sergipe, uma vez que “não é propriamente o mais confortável hotel do mundo; mas ali passamos muito bem”(ivi, p. 50), porém, o proprietário de tudo fez para agradar e suprir as carências físicas do referido hotel.

Todavia, o tom de crítica se acentua nos hotéis seguintes. Em Alagoas, dispara, “levaram-nos para um hotel chamado Nova Cintra...mas que parece mais uma Cintra bem velha. Dizem-nos que não é propriamente o melhor da cidade. Felizmente para Maceió”(ivi, p. 75). No hotel O comercial, de Pernambuco, tiveram que passar sete longos dias. Sendo mais explícito na crítica ao falar do hotel Internacional, em Natal, no qual “ali encontramos disponível um exíguo aposento, no segundo andar, muito escuro e sofrivelmente horrível. Alojamo-nos naquela catacumba, onde estivemos perfeitamente emparedados durante sete dias” (ivi, p. 98). Contrastando com as péssimas experiências relatadas, o viajante emite visão positiva e maravilhada do Grande Hotel, onde se hospedou na capital amazonense, em que “tem-se todos os confortos dos melhores do Rio: amplos aposentos, vasto e luxuoso salão de visitas, refeitório em grande ar e bem iluminado, serviço perfeito de copa, e mesa de primeira ordem” (ivi, p. 170).

Após situar as condições pelas quais se deu a excursão, acompanhamos um pouco os olhares sobre as cidades visitadas.

A primeira cidade visitada foi Vitória, no estado do Espírito Santo, sendo mais um caminho da travessia, que propriamente um dos ditos estados do norte. Na comparação com as outras capitais visitadas, considera “a que se acha em situação mais aprazível, porém, é aquela onde se encontram menos alterados os vestígios do regime colonial” (ivi, p. 22). De acordo com Rocha Pombo, a ação do tempo na cidade deixou tudo em desordem e ruindo, no primitivo assento da povoação, contrastando com alguns pontos de renovação da cidade com ruas calçadas e edificações modernas.

Do Espírito Santo seguem para a Bahia, tomando no dia 29 de julho o *Itabaré* para o norte, onde logo de princípios, esboça ares de surpresas e encantos com a bonita vista da cidade pelo litoral:

Quando me disseram que estávamos entrando a barra funda, fiquei numa verdadeira aflição: não via nenhum indício de porto: continuava tudo a ser oceano. Só quando começamos a avistar a cidade é que me convenci de que estávamos dentro já da Bahia [...]. O panorama da cidade, no entanto, arrebatava mais que tudo (ivi, p. 34).

O viajante paranaense escreve suas impressões de deslumbramento com a cidade baiana ao jornal *A Tarde*, admitindo que “por mais que pelas cartas e pelas descrições eu procurasse ter uma vaga sugestão desta deslumbrante

paragem, tudo aqui excedeu ao que os documentos me sugeriam” (Pombo, 1918, p. 36), uma vez que a experiência do vivido produziu, para ele, a possibilidade de alargar as vistas “por este mar do Recôncavo”, onde pode ver e sentir, desde o desembarque, a alma da gente na antiga metrópole colonial na qual:

A topografia desordenada da parte alta, a variedade de construções, a importância de certos edifícios, a grandeza austera de outros, o movimento das ruas, o amplo do tráfego geral, tudo nos dá impressão de um grande centro de vida, de uma larga aspiração de futuro, associada a uma tendência quase supersticiosa para amar o passado em tudo que ele teve de excelência e augusto (*ivi*, p. 37).

Da Bahia dirigiu-se ao estado de Sergipe, o qual seria um estado “muito pequeno em território, e modesto em fortuna, e que, portanto, só pode ser grande pela alma da gente” (*ivi*, p. 58), destacou também, a presença de pequenas salinas, na margem oposta da Bahia. Na ótica de Rocha Pombo, há em Sergipe locais que são um verdadeiro fogo morto, como por exemplo, Santo Amaro, onde haveria raros sinais do passado, existindo muitas “igrejas em ruínas, casas que desabam afogadas em matagal, ruas e praças cobertas de capim” (*ivi*, p. 56). Porém, considera o local lindíssimo, repleto de belezas naturais como ilhas, lagunas, sugerindo, na perspectiva do viajante, “alguma coisa de paisagem egípcia” (*ibidem*). Porém, não apenas a paisagem chamava-lhe a atenção em Sergipe. As fábricas de tecido, de ladrilhos e de óleo de coco, além das belas salinas atraíam as vistas do andarilho viajante.

Na capital Aracaju, por exemplo, observa a presença de traços comuns com outras cidades do norte, sobretudo na presença das feiras semanais, nas vizinhanças do mercado, onde “se encontra uma variedade infinita de coisas, produtos de lavoura, de criação, de pesca, artigos de indústria indígena, etc” (*ivi*, p. 72).

Seguindo para Maceió, relata os perigos e dificuldades da passagem, muito angustiante segundo o viajante. Uma cidade que vista de fora teria aspecto medíocre, o que se transforma ao se adentrar na mesma, possuindo bondes elétricos regulares, iluminação de qualidade, e alguma vida noturna (*ivi*, p. 75). De Maceió a Recife a travessia foi por terra, sendo o solo muito acidentado, com uma natureza sem muitas belezas, sendo grande a curiosidade do historiador por ver a Serra da Barriga, “onde os Palmares tiveram, há mais de dois séculos, os seus famosos quilombos” (*ivi*, p. 79).

O relato sobre Recife é banhado pelo deslumbramento diante da “imensa planura, cortada de águas, como linhas de prata em que se engasta a pedraria brilhante das ruas e praças” (Pombo, 1918, p. 83), numa cidade que seria muito limpa, possuindo um dos melhores portos do país, sendo a capital de Pernambuco, dentre todas as demais do norte, a de mais belos e extensos arrabaldes, ponderando, todavia, que mesmo com tanta formosura, há também, alguns lugares menos aprazíveis, como o arrabalde de Afogados, onde não haveria luz e água, em que “a população anda por ali, numa grande ânsia de sede, a disputar as gotas, nas fontes e cacimbas” (*ivi*, p. 85).

Por seu turno, Cabedêlo, estado da Paraíba, é descrita como sendo uma paragem pitoresca, muito aprazível, em meio a coqueiros num forte em ruínas, notando-se a presença, pelas margens da estrada, “de casinhas de palha

intermediárias entre a choça do índio e a edificação urbana. O mesmo que em toda parte. É o rebotallo das três raças, que por ali foi ficando, longe do mundo, quase sempre numa grande miséria” (*ivi*, p. 87). Ao adentrar para a capital da Paraíba, contudo, nota que, apesar de pequena, a cidade possui certo movimento, existindo boas construções e iluminação por energia elétrica, “sendo esta, porém, defeituosa, pois é sujeita a intermitências, ficando às vezes às escuras algumas zonas da cidade” (*ivi*, p. 89). Assim como a precária iluminação, o serviço de bondes da cidade também não seria dos melhores, sendo interrompido algumas vezes por falta de energia. Por outro lado, considera a cidade uma terra abençoada, por não se ver mendigos pedindo esmolas. Depois de alguns passeios pelos arredores da cidade, concluiu, que seriam medíocres os arrabaldes da cidade.

Durante o percurso por terra para a cidade de Natal, o viajante paranaense pôde observar o plantio local, sobretudo de cana de açúcar, algodão, café e mandioca. Descreve que na parte central da cidade, há duas bem iluminadas grandes praças paralelas, onde ao alto, há uma igreja matriz (*ivi*, p. 96). Destaca ainda a peculiaridade das construções locais:

Ao avizinhar-nos dos subúrbios de Natal, vemos de umas alturas grande número de pequenas casas, mas regulares, todas muito vermelhas, como tintas de sangue. É isso devido à cor do barro que serviu para as paredes. Sentimos que o dia parece por ali mais claro. Dir-se-ia que naquelas paragens o sol anda mais perto e brilha mais (*ivi*, p. 97).

Já em Fortaleza, a dificuldade do embarque é descrita como uma das piores até então, sendo necessárias doses de heroísmo para a travessia, uma vez que a fragilidade e precariedade da ponte seriam medonhas, “batida de vagalhões, gemia estremecendo; e eu atiritar, vendo o instante em que bagagem, ponte, gente e tudo, e eu e o Bicho desabávamos naquele furor de ressaca lá em baixo” (Pombo, 1918, p. 106). Na comparação com Natal, a cidade é considerada muito maior, pois:

Quase que se pode já dizer uma grande cidade. As ruas são muito extensas, largas e retas, verdadeiras avenidas. Tem muita vida em algumas delas, principalmente a noite. Há grande número de cafés, confeitarias e até *bars* de luxo. A iluminação é excelente. Os bondes elétricos, muito bons (*ivi*, p. 108).

Rocha Pombo pondera ainda que, de acordo com o presidente do estado, um dos grandes problemas do Ceará seria a seca, alternando-se com um outro flagelo, as inundações, porém, pondera que “não fosse a calamidade da seca, o Ceará seria talvez o mais rico estado do norte” (*ivi*, p. 109).

Após terminada a visita do Ceará, o viajante lamente não ter podido conhecer o Piauí, em função das dificuldades de acesso ao mesmo, apontado como o mais isolado de todos os estados do norte alegando que:

O acesso a Terezinha, a cerca de uns 400 quilômetros de Amarração, é penoso. É preciso, do porto, ir em lancha a Parnaíba, e dali, em barca, rio acima, durante uns sete ou oito dias, à capital. Devido a isso, sentimos não ter podido visitar o Piauí. Por São Luiz, via Itapicuru, a viagem não é mais fácil (*ivi*, p. 115).

Pula-se o estado do Piauí. De Fortaleza rumo a São Luís. O olhar traçado em relação à capital maranhense enfatiza que, de fora, a cidade teria um aspecto meio colonial, com uma entrada muito auspiciosa, sendo que fora da parte central, seria muito desordenada a topografia da cidade, com muitas ruas tortas e estreitas, becos e ruelas, “onde, além de uns bondezinhas de tração animal [...] há viaturas de praça e particulares, principalmente caleches” (*ivi*, p. 118). Todavia, considera a cidade muito simpática e deleitável, uma vez que, segundo a ótica do viajante paranaense, “aquelas velharias da colônia, contrastam com muitas ruas bem boas, com bons prédios modernos, e principalmente com muitas praças. Pequenas quase todas, mas ajardinadas” (*ivi*, p. 117). E se por um lado, demonstra felicidade com a falta de mosquitos na cidade, por outro, lamenta a completa ausência de iluminação pública na cidade, que viveria na total escuridão.

Os dois próximos destinos do viajante- Belém e Manaus- foram sem sombra de dúvida, as instâncias onde mais se alargou nos relatos, o que declara ter sido proposital, no intuito colocar em destaque as mesmas, uma vez que as duas capitais seriam as mais sujeitas “à irredutível incredulidade do sul” (*ivi*, p. 267).

Com relação a Belém, o viajante declara que a capital do Pará excedeu em muito suas expectativas, despertando-lhe profundos sentimentos de orgulho e alegria, sendo uma cidade moderna, “gigantesca, monumental, com as suas grandes construções, os seus palácios, as suas torres, o seu porto vasto e movimentado, o seu extenso cais e enormes armazéns” (Pombo, 1918, p. 132). Destaca que se conservam ainda, vestígios de outros tempos, como pequenas praças, ruas estreitas e curtas, travessas, prédios antigos, remetendo ao período colonial. Com agradável temperatura, o que atribui não somente à vizinhança com o mar, como também, pela abundante vegetação, que contribuiria para o clima fresco, ali se beberia, na perspectiva de Rocha Pombo, o melhor guaraná de todo o país. A visão maravilhada sobre Belém se estende a outros aspectos: “para todos os lados a cidade cresce a olhos vistos. O serviço de bondes é excelente. Há infinidade de linhas para o centro e para os arredores” (*ivi*, 138). Outro destaque digno de nota pelo viajante foi a tradicional festa de Nazareth, em que:

Pudemos ainda aproveitar alguns dos últimos dias daquela festa tradicional, tão cara à devoção do povo paraense. A praça, fronteira à ermida, não é muito ampla, mas é de aspecto muito agradável. [...] O largo de Nazareth estava feérico. Em toda parte, em desordem- barracas, tendas, chalés, pavilhões, onde se joga, se come, onde se bebe e onde se vende tudo quanto há no mundo. A festa passa-se ali, e dura quase sempre a noite inteira (*ivi*, p. 139).

De Belém a Manaus, um grande êxtase. Essa foi a sensação descrita por Rocha Pombo no encontro com a capital do Amazonas, superando em muito, as expectativas que possuía sobre o local, “ante aquela majestade de águas e terras que parecem sair de um cataclismo, ou que são restos de um dilúvio, não sei como se permanecer sem espanto” (*ivi*, p. 156).

Despertaram especial interesse no relato do viajante as palhoças sobre estacas às margens do rio, que seriam as barracas dos seringueiros que por ali trabalhavam, uma vez que os melhores barracões destinavam-se às habitações dos patrões. Sobre o trabalho nos seringais, escreve em tom de denúncia:

Contaram-me sempre as coisas mais horríveis a propósito dos seringueiros e das condições em que vivem e trabalham, principalmente no Acre. Um homem desses contrata o serviço do dono de um seringal, e por esse contrato deixa-se escravizar até a morte. Não tem mais meios de libertar-se do patrão. Este é por ali um perfeito soberano, enquanto não assanha contra si, no ânimo dos escravos, uma soberania mais poderosa e mais cruel. Dizem que o patrão chega a recrutar à força, como se capturam animais alçados, os míseros que tentam fugir do cativoiro.

A última cidade que o historiador paranaense visitou foi Óbidos, considerada bonita, porém, sem grande movimento, com “casinhas muito regulares e bem cuidadas, com o terreirozinho muito limpo, circuladas de arvoredos, algumas até pitorescas, cobertas de zinco ou de telha” (*ibidem*).

Observou com especial atenção a indústria local, destacando dentre outras, a Fábrica de Águas Gasosas, Minerais e Refrigerantes, produzindo um guaraná conhecido pelos locais como champanha paraense, tendo o produto figurado em várias exposições internacionais, com destaque à Exposição de Indústria e de Trabalho de 1911 em Turim, tendo sido premiado com medalha de ouro.

Após acompanharmos os destinos empreendidos pelo intelectual paranaense, é possível aferir que há em suas descrições, certa intencionalidade em construir um relato que se propõe uma visão diferente das pré-noções e preconceitos acerca dos locais visitados. A marca da surpresa aparece em vários momentos, pois para ele, “todo o norte me surpreendeu. Não me seria possível fazer uma ideia, sequer aproximada, das capitais que pude ver, e das populações que tive a felicidade de sentir de perto” (Pombo, 1918, p. 135). Ademais, não seria o único, pois “dizem que muita gente não tem sentido, ao entrar no Amazonas, a impressão que esperava” (*ivi*, p. 156). Nota-se certa preocupação em mostrar-se mais corajoso e aberto às desconstruções a cerca dos estereótipos sobre os locais visitados, ao contrário de muitos, como seu próprio companheiro de viagem, o pintor Guttman Bicho, que teria desistido de prosseguir para Manaus por medo, uma vez que:

Para ele, a visão do Amazonas era um pesadelo: jibóias, surucucus, crocodilos, até hipopótamos...e depois, o calor de fornalha que assa e torra um homem antes do nascer do sol, as febres que matam em dois minutos- e uma infinidade de coisas horríveis que lhe meteram na cabeça- tal pavor fizeram à imaginação do meu amigo que o mais simples foi concordar com ele. [...] Afinal, vi que o Guttman Bicho é como quase toda gente quando se trata do Amazonas. Não há quem tire da cabeça de um homem do sul que nunca viu o norte, a certeza de que ir a Manaus, ou mesmo a Belém, mas principalmente a Manaus, é só para doidos que não têm amor à vida [...]. O que é certo é que o Bicho embarcou para o Maranhão (*ivi*, p. 145).

Tece muitas comparações, tendo o Rio de Janeiro como parâmetro em vários aspectos: clima, cultura, vida urbana, etc, acentuando que em muitos aspectos, as cidades visitadas não ficariam atrás da então capital da república. O clima em Manaus, por exemplo, seria mais ameno, com noites sempre mais frescas que as do Rio de Janeiro, afirmando que “nunca senti tanto calor em Manaus como no Rio entre dezembro e março” (*ivi*, p. 168). Ademais, vida noturna da capital do Amazonas seria tão animada e intensa como em todos os grandes centros, onde todas as noites funcionariam teatros e cinemas, sendo

que a iluminação não seria inferior a do Rio. Em Manaus, por exemplo, haveria edifícios de primeira grandeza, sem perder para os mais notáveis do Rio de Janeiro, Pernambuco e São Paulo, destacando “o teatro Amazonas, o palácio da Justiça, o palácio Rio Negro, a Beneficente Portuguesa, o Ginásio Amazonense, a alfândega, o Instituto Benjamin Constant, o Mercado Público, etc” (*ibidem*).

Sobre a questão da pobreza, é taxativo, citando Óbidos, onde “se vê que não é mais uma população em completa penúria a que habita aqueles sítios de onde nos vem uma impressão de serenidade e de abundância. E eu me lembro tanto do Rio, onde a dois passos da cidade, em certos subúrbios mais afastados, já se encontra a miséria” (Pombo, 1918, p. 162).

O Rio de Janeiro também é considerado pelo autor das notas de viagem como sendo a morada de um tipo muito peculiar de brasileiro, o Zé Povo, descrito como um agitador, encrenqueiro, que ao contrário do povo do norte, não pagaria as passagens dos bondes, tendo em vista que, tenderia a reclamar dos valores entre os bondes que “custam 100 réis por seção, nos de 1ª custam 120. [...] No Rio, por exemplo, é aquela certeza! Zé Povo encresparia de pronto, e não pagaria o vintém” (*ivi*, p. 163).

No que tange ao movimento de criação de personagens que representariam os diferentes tipos brasileiros, temos o Zé Povo circulando nos periódicos do Rio na primeira república, sendo visto como “um prolongamento de “Zé Povinho”, criado pelo cartunista português Rafael Bordalo Pinheiro e que teria parentesco com outras personagens-síntese da nacionalidade como Jonh Bull para o caso da Grã-Bretanha” (Tenorio, 2009, p.12).

Por sua vez, o Jeca-Tatu, fora criado em 1914 por Monteiro Lobato no artigo “Velha Praga”, sendo descrito inicialmente como uma figura com grande carga negativa, um caipira, sendo o caboclo representado enquanto um parasita da terra, “espécie de homem baldio, seminômade, inadaptável à civilização, mas que vive à beira da penumbra das zonas fronteiriças” (Lobato, 1955, p. 271). Todavia, muitos se insurgiram contra a visão negativa elaborada por Lobato, propondo outros tipos e personagens, como o Mané-Chique-Chique, nordestino, tipo rural criado pelo cearense Ildefonso Albano que “doma o gado churro e semeia no pedaço de terra que o latifundiário ocioso lhe deixa cultivar” (Nepomuceno, 1999, p. 95). Ou ainda, o Jeca Leão, homem do sul esperto e virtuoso, criação de Rocha Pombo e o Jeca Bravo, recuperado pelas medidas higienistas defendidas por Renato Khel.

Ainda com respeito às visões negativas construídas e divulgadas sobre o norte, o viajante se posiciona contrário as mesmas, assumindo uma posição de testemunha da verdade, sobretudo no que tange à ideia do norte enquanto lugar de flagelos, doenças, oriundas da promiscuidade com insetos e falta de higiene:

Cá no sul todo o mundo nos fala, não só do calor sufocante, como do flagelo dos insetos - mosquitos, pulgas, moscas, percevejos, baratas- todas as imundícias do mundo, como fazendo, em todo o norte, o suplício de um pobre vivente. Pois, pela minha parte, dou um desmentido formal a tudo isso; e afirmo que durante a minha excursão só tive de defender-me dos mosquitos. Baratas... vi uma única a bordo de um dos vapores em que viajei. Moscas... em parte alguma me importunaram; e até, na maioria das capitais, se alguém precisasse de uma asa de mosca para remédio, o melhor era ir logo morrendo. Nunca, em parte alguma, tive de alarmar a vizinhança contra um percevejo, nem mesmo contra uma pulga (Pombo, 1918, p. 171).

Apesar dos muitos problemas também relatados por Rocha Pombo, ao final parecia negar a concepção do norte como lugar de doenças e flagelo, diferente de muitos outros relatos produzidos no mesmo período pelos ditos homens da ciência que acentuavam a visão negativa da parte norte do país, sobretudo a partir das viagens ao interior do país. Nas palavras do próprio autor, “eu não fui ao norte para colher impressões daquelas coisas. Para ver pedintes, de certo que eu não precisaria sair do Rio de Janeiro, e impaludados há-os em toda parte do Brasil e do mundo” (*ivi*, p. 80), negando que tenha ido ao norte, ao contrário do que foi noticiado em São Paulo, para pedir mercúrio para os doentes do norte, assolados pela pobreza e pela doença.

Contudo, desde finais do século XIX a princípios do século XX, muitos foram os que viajaram para os ditos “sertões”, o representando enquanto lugar de doença, seca e flagelo. Neste sentido, as expedições ao norte e ditos confins tiveram múltiplos sentidos, como a ocupação do território, a fim de torná-lo mais produtivo, ordenando sua ocupação com a população considerada mais adequada, fortalecendo o poder e a própria ideia de nação. Contudo, o medo das doenças se transformava em medo dos sertões, o que acabou se constituindo em obstáculo para o povoamento das referidas áreas (Caser, 2009, p. 25). O combate às doenças que seriam provenientes destes lugares passou a ser o foco dos médicos que acompanharam tais expedições “civilizatórias”, muitos dos quais produziram relatos, como, por exemplo, Murillo Campos, que publicou no ano de 1913 suas notas a respeito das vivências no interior do Brasil (Campos, 1913), ou ainda, os relatórios das expedições científicas realizadas pelos cientistas liderados por Oswaldo Cruz.

O relatório de Arthur Neiva e Belisário Penna datado de 1912, fruto da viagem para pesquisas de medicina, higiene e história natural nos estados da Bahia, Pernambuco, Piauí e Goiás, que seriam as zonas do Brasil flageladas pela seca, indica que em quase todos os domicílios visitados durante o trajeto, haveria condições para a reprodução de doenças, sendo “as casas destas zonas, freqüentadas por pequenos ratos autóctones, conhecidos sob a denominação de catita, punaré, tucunaré”, uma vez que:

a maioria é constituída por casas de adobe, não rebocadas ou então apenas em alguns compartimentos; em lugar denominado Tomabador, divisa do Piauí com o município de Santa Rita, encontramos uma habitação toda revestida de palha, mas tão densamente que permitia a existência de triatomas; em geral, nas casas mal cobertas de palha e de paredes por elas revestidas de modo incompleto (Neiva - Penna, 1916, p. 28).

Ao contrário dos relatos dos médicos e missões científicas financiadas pelo poder público, Rocha Pombo busca construir uma visão distinta, mais positiva e suave dos lugares visitados, explicitando que muito da visão que carregava a respeito dos lugares que visitou, era fruto de preconceitos e mesmo, ignorância, por não conhecer as outras realidades do país. Contudo, tal acento na positividade deve ser também interrogado, sobretudo se atentarmos para os movimentos de construção de memórias enquanto um tenso campo de litígio, considerando, neste processo, o sentido proposto por Alessandro Portelli, sobretudo no que tange aos confrontos entre a “multiplicidade de memórias” (Portelli, 1996, p. 103). No que tange à visão geral tida após a viagem, o

intelectual paranaense busca acentuar certa uniformidade nos usos, costumes, trajés, num “fenômeno que mais despercebido passa aos visitantes, e por isso mesmo que em cada cidade onde se chega se tem a impressão de se estar no mesmo meio” (Pombo, 1918, p. 261). O historiador nega às diferenças para afirmar a igualdade em relação à capital federal:

Nada de característico próprio, de particularidade original, que nos dê a sensação de não estarmos mais na capital da República. Os homens têm o mesmo jeito, o mesmo ar de família; vestem-se com a mesma elegância, andam com o mesmo desembaraço, falam com a mesma voz. Nas ruas, nos bondes, nos cafés, nos clubs- tudo o mesmo. As senhoras trajam como no Rio, com o mesmo capricho e o mesmo gosto. As meninas têm a mesma graça, os rapazes têm a mesma *tournure*, o mesmo enlace de alma. E até os velhos [...] têm a mesma compostura das vidas veneráveis. Mas, não é então curioso tudo isto num país tão vasto, onde se muda todos os dias de meio físico sem encontrar mudanças perceptíveis no meio social? Em qualquer das capitais que visitei é o mesmo que se estar no Rio (*ibidem*).

Tal elogio à uniformidade ergue-se em nome da causa da nação, que deveria ser única e coesa, sobretudo fundada nos sentimentos de povo e raça. Busca afirmar a positividade de um Brasil que “não é grande só pelo território: que a nossa raça é digna deste imenso patrimônio, e capaz de concorrer com as opulências da natureza” (*ibidem*).

Últimas considerações:

Negando o que lhe disseram no momento anterior ao embarque, que iria “encontrar o norte muito triste, muito atrasado e muito pobre”, Rocha Pombo afirma ter sido exatamente o oposto disso o que encontrou, uma vez que:

O norte a que o meu amigo se referia era talvez o norte de trinta ou quarenta anos atrás. Não sei como se deu o milagre; mas o que é verdade é que o norte hoje fez honra à nossa cultura, e está próspero e rico; e que particularmente a incomparável Amazônia (compreendendo os dois grandes estados da imensa bacia) pode dizer-se já que é o nosso orgulho. Ali está uma outra porção do Brasil tão grande e tão culta como esta cá do sul; Manaus e Belém são as duas admiráveis metrópoles que lá se erguem para regular os destinos daquele mundo (Pombo, 1918, p. 269).

Todavia, o viajante pondera que muitos irão criticá-lo, e já o estariam fazendo, dizendo que seu testemunho sobre o norte é carregado de ponto de vista, “ou que se ressentia das condições em que andei vendo e sentindo, recebido em toda parte com tantas atenções e carinhos” (*ibidem*). Com respeito a este ponto, frisa que não dissimulou em suas notas que seu intuito era mostrar como em quase todas as capitais foi recebido e acolhido com uma simpatia fora do comum, o que não seria nenhum espanto se tal afeto fosse demonstrado a um político, “mas a mim, um homem humilde, sem posição social, sem tradições de família, sem títulos, nem coisa alguma- por que então se me fizeram festas e honrarias”? (*ibidem*).

A explicação do intelectual é dada com forte tom de ironia:

É que lá pelo norte, naquelas terras muito atrasadas e muito tristes, já se sabia (e não sei como entender esse prodígio!) que eu lidei com as coisas da pátria durante longos doze anos: que estudei com grande paixão os fastos de nosso passado e as excelências da nossa raça; e que, conquanto me faltem talentos de historiador, parece que dei provas de amar a nossa história até o sacrifício, até crer na minha humildade uma capacidade de sacrifício que não sei como é que chegou a dar na vista daquelas gentes (*ibidem*).

Além do tom de resposta às críticas de que não seria um bom historiador, o viajante utilizou a travessia como estratégia para fazer-se conhecido e notório nas diferentes paisagens interiores do Brasil.

Bibliografia

- ABREU, Regina. *O enigma de Os Sertões*. Rio de Janeiro, Rocco, 1998.
- ALBETI, Verena. *O fascínio do vivido, ou o que atrai na história oral*. Rio de Janeiro, CPDOC, 2003.
- CABRAL, Shirley Aparecida Gomide. "Que viajar é este? Descoberta e reflexão em *Viagem a Portugal*, de José Saramago". *Revista Crioula*, n. 6, 2009.
- CASER, Arthur Torres. *O medo do sertão, doenças e ocupação do território na Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas (1907-1915)*. Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde), Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2009, p. 16, nota 12.
- CAMPOS, Murillo. *Notas do interior do Brasil*. Arquivos Brasileiros de Medicina, 1913.
- CARVALHO, José Murilo. *Cidadania no Brasil. O longo caminho*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2004.
- CHARTIER, Roger (coord.). *As utilizações do objeto impresso*. Portugal, Difel, 1998.
- CUNHA, Maria Teresa S. "Do Baú ao Arquivo: Escritas de si, escritas do outro". *Patrimônio e Memória (UNESP. Online)*, v. 3, 2007.
- GOMES, Angela de Castro. "Escrita de si, escrita da História: a título de prólogo", em GOMES, Angela de Castro (org). *Escrita de si, escrita da História*. Rio de Janeiro, Editora FGV, 2004.
- HABERMAS, Jürgen. *Mudança estrutural na esfera pública: investigações quanto a uma categoria de sociedade burguesa*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1984.
- HÉBRARD, Jean. "Por uma bibliografia material das escrituras ordinárias: A escrita pessoal e seus suportes", em MIGNOT, Ana Crystina Venancio - Maria Helena CÂMARA BASTOS - Maria Teresa Santos, CUNHA (org.). *Refúgio do eu. Educação História, escrita autobiográfica*. Florianópolis, Mulheres, 2000.
- LEITE, Miriam Moreira. *Livros de viagem (1803-1900)*. Rio de Janeiro, Ed UFRJ, 1997.
- LEJEUNE, Philippe. *Le Pacte Autobiographique*. Paris, Editions de Seuil, 1996, Editora Mulheres, 2000.
- LEMONS, Maria Alzira Brum. *O doutor e o jagunço. Ciência, mestiçagem e cultura em os Sertões*. São Paulo, Ed Unimar, 2000.
- LOBATO, José Bento Monteiro. "Velha Praga", em *Urupês*. São Paulo, 1955
- MURARI, Luciana. *Tudo o mais é paisagem: representações da natureza na cultura brasileira*. Tese (Doutorado em História), USP, 2002.
- NEPOMUCENO, Rosa. *Música caipira: da roça ao rodeio*. São Paulo, Editora 34, 1999.

- NEIVA Arthur – Belisário, PENNA. “Viagem científica pelo norte da Bahia, sudoeste de Pernambuco, sul do Piauí e de norte a sul de Goiás”. *Memórias do Instituto Oswaldo Cruz*, n. 3, 1916.
- NORA, Pierre. “Entre história e memória: a problemática dos lugares”. *Revista Projeto História*. São Paulo, v. 10, p. 7-28, 1993.
- POMBO, José Francisco da Rocha. *Notas de viagem. Norte do Brasil*. Rio de Janeiro, Benjamin de Águila Editor, 1918.
- PORTELLI, Alessandro. “O massacre de Civitella Vila di Chiana”, em Ferreira, Marieta de M - Janaína, AMADO. *Usos e abusos da História Oral*. Rio de Janeiro, Editora da FGV, 1996.

Alexandra Lima da Silva

Professora substituta de História da Educação na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação (Proped- UERJ), bolsista nota 10 FAPERJ, com período de investigação na Universidade de Alcalá, Espanha, mestre em História Social pela Universidade Federal Fluminense. Tem desenvolvido pesquisa sobre viajantes.

Contato: alexandralima1075@gmail.com